

TRILHANDO GEOGRAFIA NO CENTRO DA CIDADE FOLLOWING GEOGRAPHY IN THE CITY CENTER

José Borzacchiello da Silva

Professor dos Programas de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará e da PUC-Rio, Pesquisador do Observatório das Metrôpoles, Núcleo Fortaleza. Fortaleza, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0001-5546-2737>

E-mail: borzajose@gmail.com

Alexsandra Maria Vieira Muniz

Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, Pesquisadora do Observatório das Metrôpoles, Núcleo Fortaleza.

 <https://orcid.org/0000-0001-9607-9160>

E-mail: geoalexsandraufc@gmail.com

RESUMO

As Trilhas Urbanas integram as atividades do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR), do Departamento de Geografia da UFC, que em parceria com o Instituto do Ceará e o Observatório das Metrôpoles (Núcleo Fortaleza) realiza quatro trilhas através do projeto de extensão Trilhas Urbanas: Percursos Geográficos na Cidade de Fortaleza, resultantes de trabalhos de/em campo com percursos no espaço urbano do centro de Fortaleza. O trabalho no campo como metodologia de ensino basilar para a ciência geográfica é realizado após pesquisas e coleta de dados segundo a elaboração do roteiro de cada trilha urbana com o consequente fechamento, avaliação e síntese das discussões e construção do conhecimento. A realização das atividades com estudantes da educação básica e superior, do ensino público e privado e outros setores da sociedade (Institutos, Centros de Estudos, Ongs) contribui para valorização do patrimônio histórico, aproximação com a geografia do lugar, como também para verificar a mudança de função do Centro de Fortaleza que outrora era o local da elite cearense e em nossos dias é preponderantemente lugar de consumo da população de baixa renda da cidade. As casas comerciais e lanchonetes se multiplicam e as praças, que antes funcionavam como espaço do ócio para a população burguesa, hoje são locus do subemprego e espaços do negócio. Com o crescimento dos subcentros, vem ocorrendo uma reconfiguração espacial do centro de Fortaleza com fixos espaciais ligados tanto ao circuito superior quanto ao circuito inferior da economia urbana. Trilhando Geografia como metodologia para o aprendizado da geografia da cidade no centro de Fortaleza possibilita a percepção das mudanças da sociedade no espaço e tempo, como também o lugar do encontro enquanto sujeitos da transformação e maior apreensão dos conteúdos geográficos.

Palavras-chave: Trilha Urbana; Geografia; Centro de Fortaleza.

ABSTRACT

The Urban Trails integrates the activities of the Urban and Regional Planning Laboratory (LAPUR), in the Geography Department of the UFC, which in partnership with the Ceará Institute and the Observatory of the Metropolises Núcleo Fortaleza carries out 4 trails through the Trilhas Urbanas extension project: Geographic Routes in the City of Fortaleza, resulting from field work with routes in the urban space of the center of Fortaleza. Field work as a basic teaching methodology for geographic knowledge is carried out after research according to the elaboration of the itinerary for each urban trail. Carrying out activities with students from basic and higher education, public and private education and other sectors of society (Institutes, Study Centers, NGOs) contributes to the appreciation of historical heritage, closer contact with the geography of the place, as well as to verify the change of function of the Center of Fortaleza, which was once the place of Ceará's elite and is now a place of consumption for the city's low-income population. Shops and cafeterias are multiplying and the squares, which previously functioned as leisure spaces for the bourgeois population, are now locus of underemployment and business spaces in the lower circuit of the economy. With the growth of sub-centers, it is worth confirming that a spatial reconfiguration of the center of Fortaleza has been taking place with fixed spaces linked to both the upper and lower circuits of the urban economy. Following Geography as a methodology for learning the geography of the city in the center of Fortaleza makes it possible to perceive changes in society in space and time, as well as the place of encounter as subjects of transformation.

Keywords: Urban Trail; Geography; Fortaleza.

INTRODUÇÃO

O advento de novas tecnologias tem trazido possibilidades metodológicas no processo de ensino-aprendizagem, assim como há uma adaptação a estes recursos didáticos tanto pelos discentes quanto pelos docentes. Com o advento da internet, as tecnologias passaram a ser denominadas tecnologias de informação e comunicação (TIC). Como as TIC abrangem tecnologias mais antigas como a televisão, o jornal e o mimeógrafo, pesquisadores têm utilizado o termo Novas Tecnologias para se referir às tecnologias digitais (KENSKI, 2012a) ou Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC – (VALENTE, 2018a) referindo-se a computador, tablet, celular, smartphone etc.

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) presentes no processo de ensino trouxeram para a sala de aula não apenas a praticidade, como também a possibilidade para os alunos apreenderem novos ângulos, formas e visões a respeito do que está sendo ensinado e vivenciarem processos que não poderiam ser obtidos através do ensino tradicional (MARTINI et al., 2018, p. 2).

Mesmo com os novos recursos que os docentes têm em mãos, não se pode deixar de considerar a metodologia desenvolvida, visando a construção do pensamento crítico do discente. Vieira e Sá (2007 apud PASSINI, et al., 2010, p. 101) vão descrever o método como a “forma” na qual o professor trabalha com o conteúdo, incluindo a escolha dos recursos didáticos e o meio, os quais serão inseridos dentro do processo de ensino-aprendizagem. Todavia, não serão os recursos didáticos fatores que

determinarão a aula em um espaço construtivo (Ibid, p. 103), pois é de suma importância que haja dinamicidade, interação e motivação a fim de formar alunos participativos, interessados, colaborativos e críticos.

Compreendendo que a aula de/em campo é uma metodologia importante para a formação do professor de Geografia, ela também se faz fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Muitas vezes sufocados por um ensino tradicional não há estímulo à observação mais atenta do discente ao espaço que este se insere. Em campo os alunos despertam sua curiosidade e criticidade, ações fundamentais para a reflexão e produção de conhecimentos.

O objetivo maior deste artigo é analisar a importância metodológica na combinação de recursos didáticos, em questão as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e o estudo do meio, dando ênfase a este último, através das trilhas urbanas.

O estudo do meio é trabalhado, dentre outros autores por Pontuschka(2004), considerando sua importância no processo de ensino-aprendizagem, servindo como auxílio para a compreensão de conteúdos referentes à ciência geográfica.

Dentre os objetivos específicos temos: difundir ações da práxis geográfica que estabeleçam relações entre a Universidade, faculdades, cursos técnicos e profissionalizantes, escolas e a sociedade em geral; proporcionar uma leitura dos conceitos da ciência geográfica a partir de percursos urbanos em Fortaleza; compreender a dinâmica urbana da cidade de Fortaleza em diferentes contextos.

Sabedores que o trabalho de/em campo é de fundamental importância aos estudos geográficos, sendo indispensável na compreensão do processo de produção do espaço geográfico, através das dinâmicas econômicas, sociais, culturais e políticas, isto instigou a construção de percursos no centro da cidade que ocorrem todos os anos como parte das atividades do projeto de extensão Trilhas Urbanas.

Diante da necessidade de inovação metodológica no contexto da pandemia de 2020 foram construídas rotas de trilhas urbanas no virtual a partir das TDICs. Vieira e Sá (2010) reforçam a importância dos recursos audiovisuais como ferramentas didáticas, pois ajudam na fixação do conteúdo, permitem a visualização de cenários e paisagens, complementam o que está sendo trabalhado em sala de aula, incentivam a observação e a expressão crítica dos alunos e dinamizam a estruturação da aula. Entretanto, é preciso que seja realizado um planejamento da forma como serão utilizados tais recursos no desenvolvimento metodológico da aula, priorizando ao máximo o tempo, a abordagem, o embasamento teórico, o conteúdo a ser explorado e a avaliação em relação aos objetivos a serem alcançados (Ibid, p. 104-105).

Além das trilhas urbanas no formato on line, as mesmas ocorrem de modo presencial constituindo o projeto de extensão Trilhas Urbanas que é uma das atividades do Laboratório de

Planejamento Urbano e Regional (LAPUR), integrante do Departamento de Geografia da UFC. As Trilhas Urbanas acontecem no centro da cidade anualmente há mais de 20 anos sob a coordenação da Professora do departamento de Geografia Maria Clélia Lustosa Costa. São realizadas ao todo quatro trilhas que percorrem diferentes espaços do centro de Fortaleza, conforme as suas respectivas temáticas.

A trilha 01, intitulada “Espaço de Vida e Morte” aborda uma caracterização de análise geohistórica através da visitação dos locais que caracterizam a morte como os históricos cemitérios do centro de Fortaleza, Cemitério São Casimiro, já desaparecido e Cemitério São João Batista, local onde jazem personalidades importantes para a história do Estado, possibilitando debates pertinentes sobre as contribuições dos ilustres personagens para a construção da história da cidade, bem como a visitação a locais alusivos à vida como algumas praças do centro, rememorando a história de criação, homenagens presentes nos seus nomes, dentre outros.

A trilha 02 – “Fortaleza e o Mar” explora as relações espaciais, geográficas e históricas entre a metrópole e o mar. Visita locais que contam a relação intrínseca entre a cidade e o seu litoral, como a Ponte Metálica, o Centro Cultural Dragão do Mar e a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, ponto crucial de surgimento da vila que viria a ser a Fortaleza de hoje. Também são rememorados os períodos em que a produção da cidade se dava afastada do litoral, época em que o mar não era tão valorizado pela sociedade, fazendo um contraponto com a realidade atual onde a orla de Fortaleza é disputada e o metro quadrado é um dos mais caros do Nordeste brasileiro.

A trilha 03, nomeada “Geometria Territorial do Poder” percorre alguns dos espaços alusivos aos poderes existentes na cidade, tais como o ligado à religião, no caso, a Catedral da Sé, grande símbolo da fé católica na capital. Também são realizadas visitas às praças que abrigam alguns dos demais poderes, como a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, atual sede da 10ª Região Militar, antigo Palácio da Luz, na Praça General Tibúrcio, expressão do poder executivo e cultural, dentre outros locais.

Por fim, temos a trilha 04 “Espaço do Ócio e Negócio”. Esta trilha, também realizada no Centro, tem o objetivo de olhar a cidade na perspectiva dos espaços de lazer, trabalho e comércio e as contradições socioespaciais. Nesta trilha percorremos os seguintes espaços: Praça do Ferreira, Praça José de Alencar, Centro Municipal de Pequenos Negócios, Esqueleto da Moda, Passeio Público, Comércio de Confecção no Entorno da Catedral da Sé, Rua José Avelino e Museu da Indústria. Todos estes são espaços alusivos à temática do lazer e trabalho como foco maior desta trilha.

Importante destacar os encaminhamentos metodológicos realizados que contribuíram para o alcance do que havia sido planejado antes, durante e após as trilhas urbanas. Desta forma, além da introdução, este artigo está dividido na parte metodológica, bem como nos resultados e discussões em

que devido aos limites deste artigo, delimitamos alguns pontos da trilha urbana do ócio e negócio. Na sequência apresentamos as considerações finais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo como recorte espacial o centro da cidade, os espaços que foram selecionados para realização das trilhas visavam destacar as transformações socioculturais e espaciais do Centro de Fortaleza até chegar ao presente contexto.

Utilizou-se de uma abordagem qualitativa, sendo que a pesquisa se dividiu nas seguintes etapas: planejamento, coleta e análise de dados (trabalho de/em campo), construção dos recursos didáticos junto a um roteiro embasado e seleção de imagens, como também uso das TDIC e socialização da produção nas redes sociais com a culminância na realização das trilhas presenciais (aula no campo ou trabalho no campo ou estudo do meio) e na escrita do presente artigo.

Desta forma, foi realizado levantamento bibliográfico para a construção dos vídeos como recurso didático a serem utilizados nas aulas de geografia e para socialização do público virtual em geral já que foram disponibilizados via youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=m5ORXgOsrl0&t=5s>), assim como a leitura de artigos e livros com a consequente transposição didática para conduzir a mídia de acordo com as temáticas.

Primeiramente, foram realizadas buscas em livros, artigos e blogs históricos sobre a cidade e dos bairros de Fortaleza. Em seguida, a pesquisa focou na busca e seleção de imagens dos locais em destaque, para assim poder assimilar as rugosidades que ainda permanecem no recorte espacial.

Durante a pesquisa qualitativa, foram coletados dados e informações a fim de uma melhor compreensão dos acontecimentos em escala global e seus reflexos no local, assim como o papel da cidade na divisão internacional do trabalho em diferentes contextos.

É de fundamental importância destacar que na realização das trilhas urbanas foram utilizados recursos de comunicação, como internet, assim como artigos facilitadores, estes auxiliaram na compressão do conteúdo geográfico e na transposição didática que permitiu este conteúdo acessível ao público em geral durante a trilha que ocorreu a posteriori de modo presencial.

Na construção do vídeo, o áudio de explicação foi inserido juntamente com as imagens selecionadas e depois compartilhados através do YouTube.

O vídeo produzido contou com auxílio de programas de gravação de voz durante a edição, também foi utilizado o Google Maps, para a construção do mapa e seleção das paradas, assim como se utilizou o Google Earth para dar o movimento dinâmico concomitante com a gravação da fala de cada ponto.

Após a realização das trilhas no modo virtual e no presencial temos o momento da discussão, avaliação e síntese da práxis realizada, momento ímpar de construção do conhecimento e melhor compreensão do que foi apreendido em campo com o embasamento teórico metodológico e as impressões de cada um que trilhou geografia no centro da cidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a escolha e o uso satisfatório de um recurso didático é necessário um planejamento, um método. Segundo Vieira e Sá (2007, p.101) “o método diz respeito à ‘forma’ como se pretende trabalhar um ‘conteúdo’ para atingir um objetivo. O método inclui a escolha de recursos didáticos e a dinâmica da aula”. Contudo, sabemos que nem sempre um bom recurso garante uma aprendizagem eficiente do aluno, uma vez que o recurso não vem suplantar o professor e sim, auxiliá-lo.

No contexto da sociedade científica, tecnológica e informacional na qual vivemos, faz-se necessário refletir sobre a prática docente, dada a necessidade de construir situações de ensino-aprendizagem que explorem as diferentes linguagens de ensino que dispomos.

As TDIC's são recursos de ensino essenciais, principalmente para instigar essa geração pautada pelo meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1994) que em sua maioria já aprendem desde cedo a utilizar as tecnologias. Muniz e Neves (2018) salientam que esses novos meios podem trazer benefícios se trabalhados adequadamente no ensino de Geografia como mais uma ferramenta no desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Neste percurso, foi criado um recurso audiovisual que possibilita ao aluno identificar imagens com o conteúdo explicativo. No vídeo da trilha online foi utilizado como supracitado o Google Earth que propicia através do street view uma dinamização e movimento dentro do local desejado. O vídeo construído no contexto da pandemia pode ser visualizado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=m5ORXgOsrlo&t=5s>

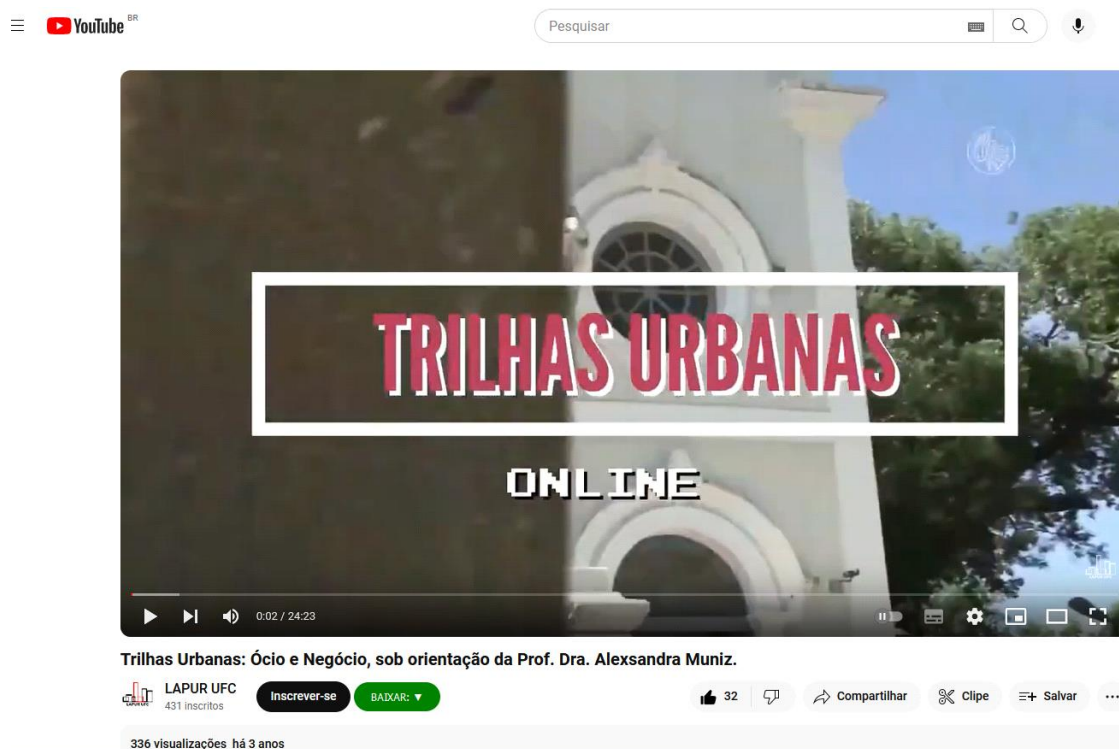


Figura 1: Trilhas Urbanas Online

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=m5ORXgOsrlo> HYPERLINK

["https://www.youtube.com/watch?v=m5ORXgOsrlo&t=5s"](https://www.youtube.com/watch?v=m5ORXgOsrlo&t=5s) & HYPERLINK

["https://www.youtube.com/watch?v=m5ORXgOsrlo&t=5s"](https://www.youtube.com/watch?v=m5ORXgOsrlo&t=5s)t=5s. Elaboração: Lapur/UFC

A proposta de pensar Fortaleza e a dinâmica urbana na qual se insere não é uma tarefa fácil. Entretanto o retorno se faz mais enriquecedor quando ao olhar do observador está intrínseca a tentativa de resgate das apreensões construídas a partir da observação da cidade, do contato com atores, formas e funções urbanas.

Além de agrupar equipamentos urbanos e serviços, o centro representa “ponto de encontro” e é lugar de solidificação dos muitos valores da comunidade: a espiritualidade com representatividade da igreja na área central; o capital presente no cotidiano e em fixos, como as instituições financeiras no espaço central e estabelecimentos comerciais; a sociabilidade presente nas praças, bares e os passeios nas ruas do centro ou no consumo de serviços de saúde e educação, bem como de transporte, interligando o espaço metropolitano.

Considerando os limites deste artigo selecionamos a Trilha do Ócio e Negócio, a partir de percursos (vide mapa desta trilha) realizados no Centro da cidade que permitiram conhecer a história da cidade, compreendendo como ocorrem o uso dos espaços voltados ao ócio e negócio, bem como as transformações na cidade de Fortaleza ao longo do tempo.

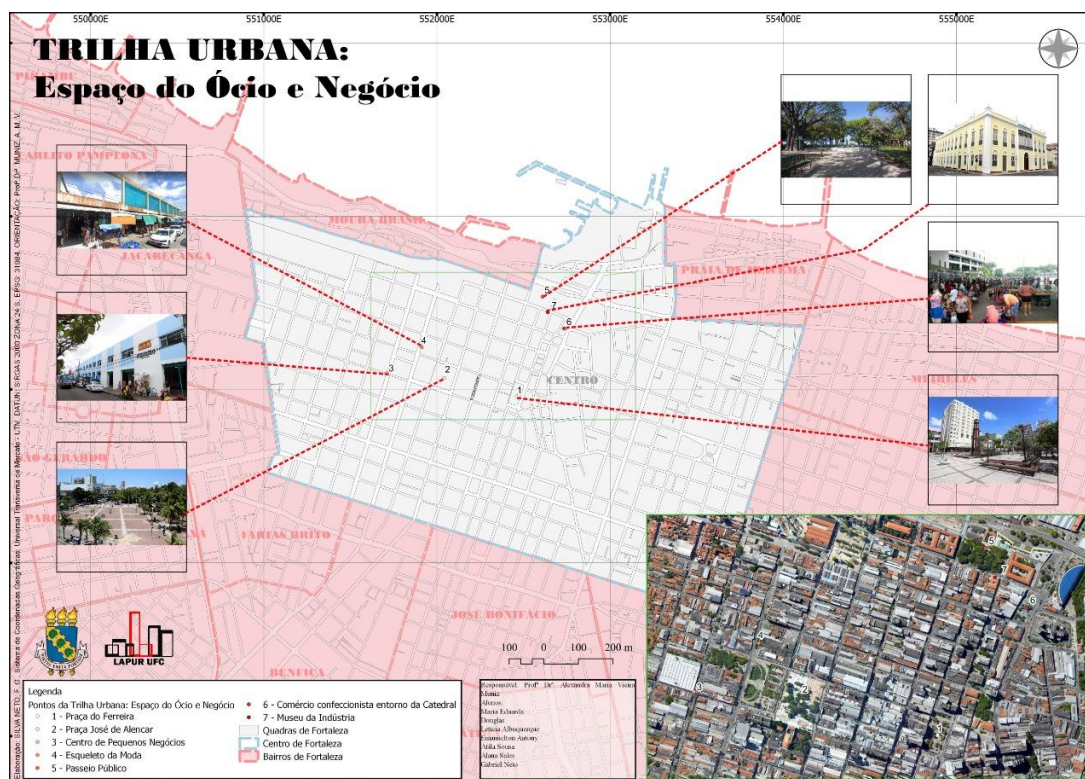


Figura 2: Mapa da Trilha Urbana do Ócio e Negócio

Fonte: NETO, Gabriel (2023) /Lapur: UFC

O ponto de encontro das trilhas urbanas ocorre no centenário Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico – Instituto do Ceará, a mais antiga Instituição cultural do Ceará, que foi fundada em 4 de março de 1887, com o objetivo de difundir o conhecimento sobre a Geografia, História e Antropologia do Ceará.

Desde 1967 o Instituto do Ceará está instalado no Palacete Jeremias Arruda, antiga residência deste comerciante, edificada em 1920, mediante projeto do arquiteto João Saboia Barbosa. No passado, abrigou a chefatura de polícia, a Inspetoria do Trânsito e o Ginásio Municipal Filgueiras Lima.

Muitos de seus antigos sócios, já falecidos, por seu papel na política e na sociedade cearense, são nomes de ruas, com destaque para quatro primeiros presidentes Paulino Nogueira, Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Barão de Studart e Thomaz Pompeu Sobrinho. Cabe lembrar que três professores do Departamento de Geografia da UFC são integrantes efetivos deste egrégio Instituto – Maria Clélia Lustosa Costa, Eustógio Wanderley Correia Dantas e José Borzacchiello da Silva que juntos tem trazido importante contribuição na sistematização e produção do conhecimento geográfico cearense.

Este primeiro ponto de encontro, que fica aberto à visitação interna (museu, biblioteca, laboratório de restauração, hemeroteca, auditórios, setor de audiovisual). O Instituto do Ceará foi tombado em 2019 como patrimônio da cultura do Estado. Por ocasião do aniversário da cidade de

Fortaleza, no dia 13 de abril, o Instituto abriga palestras com debates para pensarmos a Fortaleza que queremos, resgatando um pouco da nossa história e geografia.

Figura 3: Instituto do Ceará



Fonte: Autores (2023)

Figura 4: Instituto do Ceará



Fonte: Autores (2022)

Segundo Lopes e Pontuschka (2009, p. 174), o estudo do meio se concretiza pela imersão orientada na complexidade de determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito não apenas de verificar, mas também produzir novos conhecimentos.

Conforme Muniz (2019) o estudo do meio não se finda com o trabalho de campo, mas se dá a partir deste, nem muito menos se reduz a aula em campo, havendo necessidade de um retorno a sala de aula para consolidar o que foi construído em campo. Entretanto, deve-se ter o cuidado para que o estudo do meio não seja adotado somente como ferramenta que complemente o conteúdo visto em sala.

Através do estudo do meio se pode desenvolver a análise espacial e cartográfica, a construção da percepção de espaço e o aperfeiçoamento do saber geográfico através do cotidiano e da observação dos referenciais próximos à vivência que seriam de difícil apreensão no espaço restrito das paredes da sala de aula. Acrescentamos a aproximação com as rugosidades do passado em diferentes contextos e a dinâmica econômica e sociocultural do presente como continuidade da produção e ocupação do espaço.

Neste sentido, a pecuária será a principal atividade econômica a dar impulso no processo de ocupação do nosso Estado. Importante frisar que Fortaleza, desprovida de expressão econômica ainda era um pequeno vilarejo enquanto cidades como Aracati e Icó despontavam como os dois principais centros de pujança econômica do Estado.

Fortaleza foi elevada à vila em 1726. Somente em 1873 a cidade torna-se um centro urbano de maior importância para o Ceará. Devemos atribuir à expansão de Fortaleza ao crescimento da cotonicultura, que deu à cidade um novo papel na divisão regional do trabalho.

A partir da segunda metade do século XIX, Fortaleza passa por profundas transformações econômicas. Torna-se um ponto de integração para a maior parte do sertão, através das estradas de ferro, e se coloca como o mais importante núcleo do comércio exportador de algodão do Ceará, com destaque também para a cera de carnaúba.

O advento das rodovias e a ampliação das relações comerciais e produtivas, reflexos da modernidade do século XX, só confirmaram seu poder polarizador.

A participação do comércio e dos transportes, portanto, foi fundamental para a expansão urbana de Fortaleza que se deu de forma espontânea e desordenada, apesar dos projetos políticos de regularização urbana. Entre estes projetos, podemos destacar o de Silva Paulet, que tentou imprimir ao arruamento inicial de Fortaleza um traçado em forma de tabuleiro de xadrez e, posteriormente com Adolfo Herbster e a abertura dos boulevards, três grandes avenidas (Dom Manuel, Imperador e Duque de Caxias) que margeavam a cidade e facilitavam o fluxo de transportes. Quanto ao trabalho deste último,

...apesar de não ser um projeto inteiramente original, uma vez que mantinha o sistema de traçado urbano em forma de xadrez(...), tratava-se de um estudo decisivo para a capital dali para frente, pois ampliava-lhe o traçado para além de seus limites de então e conferia-lhe 3 Boulevards (as atuais avenidas do Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel) margeando o perímetro central. A finalidade de tais avenidas era, num futuro breve, facilitar o escoamento do movimento urbano. (PONTE,1999:23).

O Centro de Fortaleza é espaço do negócio, de negociações que envolvem o comércio no circuito superior e inferior da economia urbana, mas é também o espaço do ócio, local onde concentram-se fixos ligados às dinâmicas de lazer como é possível ver em alguns pontos de percurso da Trilha Espaço do Ócio e Negócio, como nas praças:

Praça dos Mártires

Um dos pontos de parada desta trilha urbana e que é exemplo do espaço do ócio no centro de Fortaleza é uma das praças mais antigas da cidade, em estilo neoclássico, a conhecida Praça do Passeio Público, nome adquirido por ser o principal espaço de encontro da sociedade cearense, uma das principais opções de lazer, cujo nome oficial é Praça dos Mártires, antes conhecida como Largo da Pólvora, devido em 1830 ter ocorrido nesta praça a execução de participantes da Confederação do Equador, como Pessoa Anta e Padre Mororó.

No final do século XIX, as praças em Fortaleza passaram por diversas intervenções de embelezamento por meio de iluminação e tratamento paisagístico que implantava e conservava

jardins. A criação desses jardins públicos destinados ao lazer fazia parte da influência das ideias da burguesia européia.

A fim de alinhar a cidade dentro do padrão das grandes metrópoles da Europa, houve então essa adaptação e, a partir de 1880, foram incorporados elementos que memoravam o modo francês de vida e lazer, sendo que eram, notadamente, para o uso exclusivo da elite. Estas mudanças se deram principalmente no bairro Centro por ser um local próximo ao porto e ponto de encontro de comerciantes. A construção do Passeio Público, arborização juntamente com a construção de jardins e lagos ornamentais e esculturas que exaltavam a mitologia greco-romana são exemplos para inserir no bairro a ideia de “cenário de sociabilidade”.

A Praça do Passeio Público foi estruturada em três planos assim dividida: O primeiro, era o mais frequentado pela elite da cidade, que se aglutinava em seus bancos ostentando poder e luxo, evidentes em sua forma de vestir e uso do tempo para o ócio, no período da belle époque, onde os fortalezenses eram influenciados pelos padrões culturais europeus, notadamente franceses; o segundo plano, onde se reuniam pessoas da classe média, tinha ao centro um cassino que tornou-se um campo para partidas de Futebol, sendo atualmente ocupado pelo estacionamento da 10ª Região Militar; e o terceiro plano que assim como nas outras alas havia dois pavilhões para atividades comerciais e recreativas, onde hoje fica a avenida Presidente Castelo Branco, mais conhecida como Avenida Leste-Oeste. Esse plano, mais próximo do mar, era desfrutado pela população mais pobre, pois ao contrário de hoje, naquele período a classe mais abastada não tinha grande proximidade com o mar. A relação com o mar até então se dava a partir dos pescadores.

Figuras 5 e 6: Praça do Passeio Público (Trilha Urbana do Ócio e Negócio)



Fonte: Autores (2023)



Fonte: Autores (2023)

Em 1880, em meio à política do discurso higienista, que trouxe transformações urbanas e outras normas sociais, a praça foi urbanizada e ajardinada, ficando conhecida como Passeio Público, espaço destinado principalmente ao ócio da população fortalezense, ponto de encontro e convívio. Um dos patrimônios culturais e paisagísticos da cidade, além da bela vista para o mar, a praça possui como atrativos naturais diversas árvores centenárias, como o famoso baobá.

No início do século XX surgiram novas praças e a população do centro passa a ocupar os bairros como Jacarecanga, Benfica, Praia de Iracema e Aldeota, surgindo novas opções do ócio e de lazer.

Na segunda metade do século XX este espaço do ócio entra em decadência com a transformação da área residencial próxima em área comercial, além da proximidade com a zona de prostituição e a dominação pela população marginalizada.

Tombada pelo Iphan desde 1965 esta praça foi e continua sendo um espaço do ócio, do lazer, só que diferente de outrora não mais frequentado pela elite.

Depois da situação de abandono das praças, nos anos 1990 tem-se com o projeto de requalificação do Centro ações já implementadas, sendo desenvolvidas atividades culturais para resgatar o sentido das praças como negação do negócio e continuar sendo espaço do encontro da sociedade, espaço de lazer, ocupado por famílias.

Com o processo de requalificação, esta praça voltou a ser usufruída pela população em 2007. Atualmente, dispõe de conexão livre de banda larga sem fio e oferece eventos culturais públicos, para atrair a população. Dessa forma, o Passeio Público, lugar afamado por ser um dos principais pontos de prostituição passou por reforma da Prefeitura, dando-se início a uma programação de espetáculos culturais no local para movimentar o Centro Histórico da capital. As obras de restauração do Passeio Público incluíram a recuperação dos monumentos, do gradil, dos bancos, das fontes, um novo projeto de iluminação e a recuperação do jardim.

O Centro não será jamais o que ele foi nos anos vinte, trinta ou cinquenta, quando, sozinho, dominava e controlava toda a cidade, sem concorrentes. Os tempos são outros. Os planos diretores anteriores possibilitaram a fragmentação da metrópole. Com ela a efervescência dos sub-centros, os corredores de atividades, os centros comerciais, a verticalização. Muitos se lembram das linhas de ônibus que obrigatoriamente faziam a ligação do Centro com os bairros, reforçando a radioconcentricidade de Fortaleza e fortalecendo sua função polarizadora. (SILVA, 2003).

Beco da Poeira (Atual CPNF)

O Centro outrora espaço de moradia das elites, das principais casas comerciais e de serviços públicos com o crescimento das subcentralidades, transforma-se em “Centro da Periferia” (SILVA, 1992), haja vista a mudança de função do Centro em bairro comercial popular, voltando-se notadamente para o público de menor poder aquisitivo, contribuindo para o aumento de circulação de

pessoas nesta área da cidade. Isto dinamiza o comércio nos circuitos da economia urbana, atraindo consumidores locais e as chamadas sacoleiras, que vem de outras localidades comprar em Fortaleza para revender em seu lugar de origem.

Assim, um bairro histórico de forte dinamismo comercial, o centro de Fortaleza como espaço do negócio se evidencia em nossos dias também com um importante centro comercial popular de Fortaleza, o atual Beco da Poeira (CPNF), no prédio reformado da antiga fábrica Progresso - primeira fábrica têxtil cearense, hoje com uma nova função urbana, não mais industrial, mas sim comercial, com um complexo e dinâmico espaço em que o circuito inferior da economia se faz presente imbricado ao circuito superior.

O CPNF faz parte do projeto de requalificação do Centro Histórico fortalezense e não é somente resultante da refuncionalização do antigo espaço fabril da Thomaz Pompeu Têxtil em Novo Beco da Poeira, mas também uma tentativa do poder público em disciplinar e reorganizar o uso do solo urbano no Centro da capital cearense.

O funcionamento do Beco da Poeira é anterior à década de 1990, com ações do poder público como forma de regulamentar e valorizar o Centro da Cidade, o qual remonta ao tempo em que a Praça José de Alencar funcionava como Terminal de ônibus.

A forma de ocupação desordenada do espaço urbano da Praça José de Alencar e em seus arredores, contribuiu para que o poder público municipal, na gestão da ex-prefeita de Fortaleza, Maria Luíza Fontenelle, intervisse no Centro da cidade em especial onde ocorria o comércio do beco da poeira, termo este que de acordo com Araújo (2011) surgiu devido a grande quantidade de poeira que ocorria na aglomeração de pessoas devido ao intenso comércio informal na praça (espaço do negócio).

Com este projeto de reforma do Centro buscava-se tornar novamente o Centro um espaço mais organizado, atrativo e revalorizar este bairro onde Fortaleza se expandiu no tempo e no espaço.

O antigo Beco da Poeira (Centro de Pequenos Negócios de Vendedores Ambulantes de Fortaleza) - CPNVA, surgiu em 1989. O espaço reunia vendedores ambulantes da região formando três galpões divididos em 22 becos, abrigando mais de 2.000 boxes de vendas de produtos variados, a maioria de vestuário e acessórios de moda.

Já em 1991, com o prefeito Juraci Magalhães, é construído o antigo espaço estrutural do Beco, o qual permaneceu nas imediações da praça José de Alencar por 19 anos.

A tentativa de buscar reorganizar o espaço urbano do Centro de Fortaleza, também ocorreu na Gestão da ex-prefeita Luiziane Lins que em parceria com o Governo do Estado visando acelerar as obras do Metrofor em virtude da Copa do Mundo consegue transferir parte dos trabalhadores do antigo Beco da Poeira para o espaço físico da indústria Thomaz Pompeu Têxtil.

Para entender o papel do centro de Fortaleza como espaço não só da comercialização, mas também da produção industrial têxtil é preciso ressaltar que a industrialização cearense pode ser dividida historicamente em vários momentos. Amora (2005:371) expõe três períodos: "o primeiro, inicia-se no final do século XIX e estende-se até os anos 1950; o segundo, compreende os anos 1960 até meados da década de 1980, quando começa um terceiro período, ainda em curso". À estes acrescentamos o quarto período, o qual vivenciamos no século XXI com a crescente inovação e uso de tecnologia de ponta com os desafios da indústria 4.0, no contexto de desindustrialização, reprimarização da pauta exportadora, financeirização e crescimento do terciário, vis a vis crescente industrialização em regiões como Nordeste resultante da "desconcentração industrial" (LENCIONI, 1991).

A indústria têxtil remonta ao primeiro período, sendo sua implantação favorecida pela disponibilidade da matéria-prima (algodão) no Ceará como aponta Amora (1978) e seu beneficiamento impulsionado no período pós-Guerra de Secessão (1862-1866).

A centenária e pioneira indústria de tecidos de Fortaleza – a Fábrica de Tecidos Progresso – é segundo Amora (1978) considerada por historiadores locais como o marco inicial da implantação fabril no Ceará devido ao fato dela ter sido a primeira indústria equipada com máquinas, à exceção de tipografias.

Fundada em 1881, começou a funcionar a partir de 1884, sua história é ligada à influente família Pompeu, em especial aos irmãos Thomaz e Antônio Pompeu, tendo como sócio o político Nogueira Acioly, cunhado de Thomaz Pompeu.

Localizada na Avenida Imperador, a fábrica Progresso estava circunscrita aos limites das avenidas traçadas por Adolfo Herbster (1875) que projetou uma sequência de "ruas largas", limitando o núcleo urbano da cidade, e que receberia os nomes de Boulevard do Imperador (Avenida do Imperador), Boulevard da Conceição (Avenida Dom Manuel) e Boulevard do Livramento (Avenida Duque de Caxias). O plano, de traçado expansionista, levava o sistema de tabuleiro de xadrez.

A casa de Thomaz Pompeu de Souza Brasil Filho construída por volta de 1916, localizada na Avenida Imperador, ao lado da antiga fábrica existe na paisagem do centro até hoje, abrigando até então o Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador, (Cerest-CE) desde 2005.

Figura 7: Antiga Casa de Thomaz Pompeu



Fonte: Autores (2022)

Figura 8: CPNF (Beco da Poeira)



Fonte: Autores (2022)

Conforme Aragão, (2014, p.76) “durante toda a década de 1990 a Thomaz Pompeu funcionou como massa falida, entrando em falência no ano de 2005”, ou seja, perpassa o tempo e espaço do desenvolvimento da indústria têxtil no Estado do Ceará nos três períodos citados por Amora (2005).

Com o fechamento de indústrias, antigos espaços industriais vêm sendo substituídos por novas formas e funções ligadas à ação do comércio e serviços, de especuladores imobiliários, como também, à ocupação por vulneráveis sociais, implicando em modificações no espaço urbano cearense, e, de Fortaleza, em específico. No caso do centro da cidade a antiga indústria Thomaz Pompeu Têxtil foi reformada a partir de 7 de julho de 2009, e em 2010 passou a receber os permissionários do antigo Beco da Poeira, para a ocupação dos boxes de vendas de produtos.

O CPNF, também conhecido como Novo Beco da Poeira, passou a funcionar no antigo espaço da indústria Thomaz Pompeu Têxtil, a partir do projeto de requalificação da Prefeitura de Fortaleza na gestão da ex-prefeita, Luiziane Lins, em parceria com o Governo do Estado e, após longas negociações, os feirantes foram transferidos do antigo para o novo espaço.

Segundo a administração municipal, o Beco da Poeira possui 2.100 boxes de todas as variedades de produtos - a maioria de confecções - e funciona de segunda a sábado, das 7h30 às 17h30, e aos domingos, das 7h às 14h. Atualmente o Beco da Poeira é administrado pela Prefeitura de Fortaleza por meio da Secretaria Regional Centro. (O Povo, Prefeitura entrega reforma do Beco da Poeira. Fortaleza, 2015).

Mesmo diante da grande diversidade de locais em Fortaleza onde podemos encontrar o comércio popular, o Beco da Poeira foi, por muito tempo, o único local e o mais importante centro de comércio popular e varejista de Fortaleza.

O Beco da Poeira foi incluso no roteiro turístico da capital, assim como é o Mercado Central, dada a importância desse equipamento não apenas para fortalezenses, como para pessoas de outras cidades.

Conforme Queiroz e Muniz (2020) sua área de influência acaba atraindo outros estados brasileiros e municípios para além de Fortaleza. De acordo com os permissionários, além de Fortaleza, o comércio popular de confecção atrai consumidores dos seguintes municípios da Região Metropolitana: Caucaia, Maranguape, Maracanaú e Eusébio, como também de municípios do Estado, Crateús, Quixeramobim, Morada Nova, Sobral, Novo Horizonte e, quanto a outros países, Angola, China, Colômbia, França, Japão, Síria, Venezuela foram as localidades citadas durante trabalho de campo. Sua grande área de influência no espaço, para além de Fortaleza, se deve a sua preponderância no comércio popular no Centro de Fortaleza, o que movimenta a economia cearense.

Conclui-se que o CPNF exerce um triplo papel: primeiro com uma nova dinâmica para o circuito inferior da economia em nossa capital, segundo com a refuncionalização em espaço de comercialização outrora antigo espaço da produção com importância ao longo da história do patrimônio industrial, terceiro por fazer parte do projeto de requalificação do Centro Histórico fortalezense, trazendo mudanças na paisagem urbana e grande contribuição para a reorganização do espaço central de Fortaleza.

Esqueleto da Moda

O entendimento deste ponto de parada da trilha perpassa o próprio CPNF, como importante fixo espacial do circuito inferior da economia que acolhe diversos tipos de serviços em seu novo espaço, funcionando em conjunto com o circuito superior da economia, visto que ambos os circuitos não são separados, se complementam interagindo entre si através do capital, como parte do sistema capitalista contraditório.

Como foi mencionado anteriormente a antiga estrutura da Thomaz Pompeu Têxtil foi reformada e transformada no Novo Beco da Poeira, as obras foram motivadas e impulsionadas pelas obras da Copa do Mundo de 2014, para a construção da estação do Metrô de Fortaleza na Praça José de Alencar, o que contribuiu para implantar o reordenamento urbano com atuação do poder público municipal de Fortaleza e novas funcionalidades no espaço urbano do Centro da cidade.

Entretanto, é válido salientar que, apesar do Centro de Pequenos Negócios ter a sua atual edificação na antiga fábrica do grupo Pompeu, o projeto inicial era para ser no local que atualmente funciona o “esqueleto da moda”.

Isto acabou por gerar um processo de territorialização fragmentada dos trabalhadores do Antigo Beco da Poeira, visto que nem todos migraram para o novo local em que houve o investimento

da Prefeitura de Fortaleza para a transferência. Em entrevista com os permissionários do Novo Beco da Poeira, muitos afirmaram ter box no novo lugar e também ter box no “Esqueleto da Moda”, que deveria ter sido o espaço de alocação de todos os trabalhadores do Antigo Beco.

Após longas negociações, os feirantes foram transferidos do antigo para o novo espaço. O processo de remoção não foi algo pacífico e rápido, pois houve resistência e manifestações por parte dos feirantes que não queriam ser realocados ou queriam ficar no prédio do esqueleto da moda, devido à proximidade do antigo Beco, que se localizava entre as ruas 24 de maio, Liberato Barroso, Guilherme Rocha e Avenida Tristão Gonçalves, também no Centro da cidade. Logo, o Estado utilizou da ação policial para garantir a transferência dos trabalhadores e o reordenamento urbano, como podemos ver na seguinte notícia:

No processo de remoção, ocorreram conflitos, mas o poder público cumpriu seu papel de ordenador do espaço. A retirada dos comerciantes do Beco da Poeira começou a ser feita exatamente no dia 11 de abril de 2010. O poder público municipal montou uma estrutura de policiamento com cerca de 200 homens do 5º e 6º batalhões da polícia militar, cavalaria, pelotão de motos e guardas municipais, para garantir a realização da transferência (O POVO, 11 de abril de 2010).

Ainda sobre o processo de deslocamento dos feirantes.

Esse embate entre o poder público e os trabalhadores do Beco da Poeira pela permanência no seu local tradicional, como foi visto, resultou em uma fragmentação do território, na qual se constituíram três espaços que se consideram Beco da Poeira: o primeiro espaço, reconhecido pela prefeitura, é o Centro de Pequenos Negócios (localizado na antiga fábrica Tomaz Pompeu); o segundo, abriga trabalhadores que ocuparam o entorno da construção da estação do metrô; o terceiro, representa o grupo que ocupou o Esqueleto (SILVA, 2013, p. 106).

No centro de Fortaleza, o comércio de moda popular com seus camelódromos, galpões, ambulantes, centros comerciais, instituem e destituem espaços da cidade, transformando seus usos e suas paisagens, estabelecendo caminhos e trajetórias que repercutem sobre toda a população e a dinâmica urbana local. A força e a movimentação desse comércio popular resistem por mais de três décadas ao planejamento e às intervenções da prefeitura para retirá-los do centro, tentando ordenar a cidade de um modo que corresponda aos interesses de grupos mais privilegiados como os comerciantes das lojas, butiques e de shoppings e também que facilite a mobilidade urbana, com fluente trânsito de veículos e de pessoas, especialmente de turistas. Estabelece-se, portanto, uma conflitualidade entre a prefeitura, com investidas de controle e/ou retirada dos feirantes, e ambulantes, com a resistência deles que retornam ou para o mesmo lugar ou criam novos lugares, numa produção contínua e criativa de espaços (MOTA e BARBOSA, 2015).

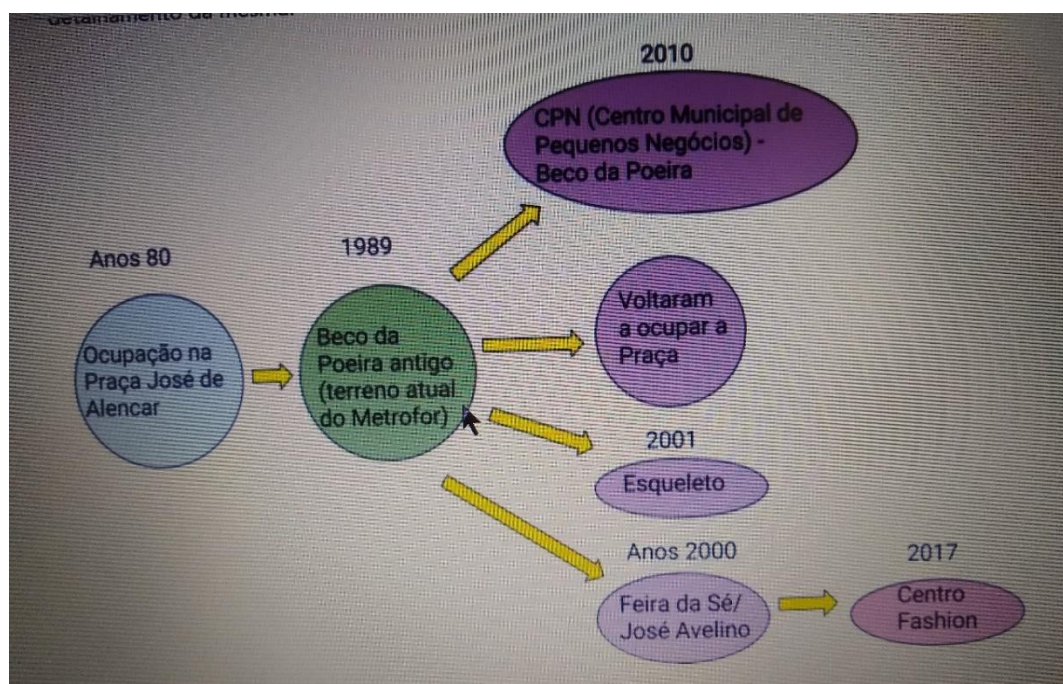
O esqueleto da moda localizado no quadrilátero formado pelas ruas 24 de maio, Guilherme Rocha, Tristão Gonçalves e São Paulo é fruto de embates e conflitos com o poder público, surgindo da resistência de lojistas, feirantes e camelôs que ocupam a edificação e recusam-se a cederem às

investidas da prefeitura, seja por meio de propostas de realocação ou até mesmo ações ostensivas da polícia com o fito de desocupação do local. Após muita luta, contada em narrativas dos próprios vendedores do esqueleto da moda, eles finalmente foram ouvidos pela prefeitura conseguindo a permanência no local e a realização de benfeitorias como instalação elétrica, construção de banheiros e colocação do piso que, segundo os vendedores o chão era somente de terra. Graças a persistência e coragem de luta desses cidadãos o esqueleto da moda encontra-se hoje melhor estruturado, ou seja, com condições mais favoráveis de continuarem ali trabalhando.

Com as medidas de realocação dos feirantes propostas pela prefeitura, ocorreu um espriamento dos mesmos em alguns pontos da cidade, em consequência da intensificação das vendas e os desacordos com as propostas dos órgãos do estado. Um eixo foi para o beco da poeira antigo, localizado na Praça José de Alencar e outro eixo foi para o chamado “esqueleto” e um outro grupo se dirigiu à feira da Sé localizada na frente da catedral de Fortaleza, o que viria a se tornar a feira da José Avelino.

O chamado “Esqueleto” foi uma tentativa da prefeitura, ainda em 2001, de transferir o Beco da Poeira de local. Foram desapropriados 18, de 30 imóveis necessários, na quadra entre a Av. Tristão Gonçalves e as Ruas São Paulo, 24 de Maio e Guilherme Rocha, fazendo com que o processo de construção do novo Beco da Poeira fosse adiante, sobrando um grande “elefante branco”. (MONTEFUSCO, 2018). Em contrapartida, os comerciantes ocupam o imóvel, hoje legalizado, o Feirão do Esqueleto da Moda.

Figura 9: Linha do tempo das feiras da moda no centro de Fortaleza



Fonte: MONTEFUSCO (2018)

Os caminhos para o surgimento do que hoje é o Esqueleto da Moda foram longos e permeados por histórias de lutas e resistências que garantiram aos ambulantes, feirantes e demais vendedores um local com melhores condições de trabalho para exporem seus produtos e receberem seus clientes, configurando o Esqueleto da Moda um ponto importante de troca de vivências, de comércio popular ativo, de construção de identidade cultural e compondo as expressões das espacialidades do centro de Fortaleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capital vivencia diversas mudanças, desde o período de predomínio da economia agrário-exportadora, quando a cidade era prioritariamente centro coletor e exportador de produtos primários, passando pela integração com o mercado nacional a partir da industrialização promovida no período que se estende de 1960 a 1980, ampliando as relações econômicas Fortaleza com o resto do país e culminando na consolidação como metrópole de importante articulação social, política e internacional.

O Centro de Fortaleza, que foi lócus inicial do núcleo urbano da cidade (SILVA, 2013), apresenta em suas formas as rugosidades das diversas relações socioespaciais ali desenvolvidas. Nessa área central foram e são marcantes as atividades terciárias que atraem grande fluxo de pessoas, além da presença de instituições públicas, como o Palácio da Luz, atual Academia Cearense de Letras, e religiosas, como a Catedral Metropolitana e a Igreja do Rosário. Infraestruturas de lazer e comércio também são importantes na dinâmica do centro, como o Teatro José de Alencar, Cine Teatro São Luiz e o forte comércio popular impactado, principalmente, pelo mercado têxtil.

O espaço Central como reflexo da forma desigual e contraditória da produção do espaço capitalista de Fortaleza como cidade policêntrica, se por um lado se evidencia como espaço do ócio e negócio (tema de uma das trilhas urbanas), por outro lado é espaço do medo, da violência, das drogas, da mendicância, da ociosidade, da sujeira e do descaso com o meio ambiente urbano, impedindo muitos de exercerem o direito à cidade.

A dinâmica do centro de Fortaleza como espaço do negócio caracterizado pela predominância do comércio popular no circuito inferior da economia guarda relações estreitas com o processo de expansão urbana da cidade e o surgimento de novas centralidades. Tal fator foi desencadeado a partir da migração de serviços e funções em meados do século XX. Ao longo deste período, o bairro deixou de se constituir em espaço de lazer e moradia das elites locais, especializando-se na função de comércio popular. A instalação de equipamentos como o Beco da Poeira, Esqueleto da moda, como também, o comércio informal na rua José Avelino e Feira da Sé confirmam esta característica do centro da capital alencarina.

O centro evidencia mudanças e permanências em diferentes contextos, atendendo as demandas de diversos agentes produtores do espaço urbano. Isto é notório tanto com o intenso comércio confeccionista, como também com a convergência de serviços de transporte para área central como ponto de passagem que intensifica fluxo de pessoas e mercadorias de diferentes municípios do espaço metropolitano impulsionado com a importância das clínicas populares no processo de reconfiguração da área central de Fortaleza, como também a dinâmica da função educacional no centro, a continuidade dos templos e a função religiosas e com as mudanças ocorridas pela função bancária nesta área central. Assim, ressalta-se as especificidades do centro de Fortaleza, que ao dinamizar o setor de comércio e serviços, tem gerado emprego e renda para milhares de pessoas, mas ao mesmo tempo apropria-se de espaços públicos para realizar-se, sendo hoje mais o espaço do negócio que do ócio, os percursos geográficos através desta trilha só vêm ratificar esta afirmação.

Em suma, o Centro de Fortaleza tem em seus espaços marcas do passado, em convívio com o presente, com praças, igrejas e prédios históricos, em conjunto com um intenso comércio no circuito superior e inferior, somado à função de bairro prestador de serviços, com escolas, bancos, cursos públicos e privados, restaurantes, supermercados, farmácias, clínicas populares e depósitos, ainda nos deparamos com residências e quitinetes nas porções mais próximas das áreas de divisa do Centro com outros bairros.

Com o crescimento dos subcentros e a presença de shoppings nos bairros, vale destacar que vem ocorrendo uma reconfiguração espacial do centro de Fortaleza com a implantação clínicas populares, cursos técnicos e profissionalizantes e de ensino superior, igrejas neopentecostais e ampliação do comércio informal no circuito inferior da economia. Uma política de incentivo à criação e disseminação de equipamentos culturais e recuperação de fachadas e edificações têm requalificado o centro, ocasionando um processo de “redescoberta” deste espaço também por um segmento social mais abastado e pelos turistas.

Isto só vem confirmar que na contradição entre velhas e novas formas e funções com novos atores e atuação de diferentes agentes produtores do espaço urbano, o Centro continua como importante espaço do ócio e negócio em nossos dias, mais espaço do negócio voltado a um público diverso com predominância do comércio popular do que espaço do ócio.

Quanto à importância de se utilizar diferentes metodologias para compreender os conteúdos geográficos, pudemos perceber através das trilhas urbanas a apropriação de um conjunto de conceitos, de diferentes linguagens de interpretação e de questionamentos da realidade socioespacial, além da leitura das imagens representadas por meio de fotografias e mapas presentes nos vídeos construídos das trilhas virtuais no contexto da pandemia.

Ademais, o uso desta metodologia auxiliou na formação de concepções articuladas e aprofundadas acerca do espaço urbano; nos proporcionou uma análise integrada dos conceitos geográficos, buscando compreender as transformações socioespaciais, como também nos propiciou o conhecimento do cotidiano, os arranjos espaciais, formas espaciais e estruturas representativas dos sujeitos envolvidos, processos e períodos histórico-sociais, a forma como se organizam e se reproduzem diferentes atores sociais, fazendo uma síntese destas inter-relações com os conceitos geográficos e os espaços percorridos.

As trilhas urbanas nos permitem imergir no espaço presente, fazendo um retorno ao passado, com as rugosidades, resguardando importantes resquícios do nosso patrimônio cultural, prédios que contam sua história em meio a intensa movimentação diária de transeuntes no espaço onde antes era o lugar do lazer, da moradia, do poder, hoje, o centro é notadamente o lugar do negócio.

Através das trilhas urbanas adquirimos conhecimentos que vem acrescentar na formação de geógrafos, aguçando o desenvolvimento de competências e habilidades que nos permitem entender e analisar os conteúdos de uma maneira crítica, propositiva e autônoma, dada a leitura que nos é permitida do espaço em suas diferentes dimensões e perspectivas de análise teórico-metodológica. A leitura da paisagem de forma direta através do estudo do meio desenvolve a habilidade de observá-la, descrevê-la, analisá-la e interpretá-la.

Neste sentido, é preciso considerar também o saber e a realidade do discente e negar o ensino de geografia pautado somente na descrição e enumeração de dados e informações. Deve-se, ao contrário, realizar a práxis, valorizando as especificidades locais e fazendo a relação com diferentes dimensões espaço-temporais, permitindo a construção da geografia além da sala de aula e a redescoberta da geografia da cidade através das relações estabelecidas na análise dos conceitos e das interações com as diversas abordagens geográficas.

A partir de tal recurso metodológico é possível observar e considerar as relações complexas que se destringem espacialmente, relacionando-as à reflexão teórica, a fim de desenvolver uma visão crítica da realidade em estudo.

Como Silva (2015) afirma: o centro não morreu. Mesmo com todas as transformações e problemas, segue tendo papel centralizador, com fluxo diário de pessoas. Resta a atenção do poder público e a vigilância da população no combate ao urbanismo inóspito, que leva à retração e limitação do acesso aos espaços públicos (LIMONAD, 2022).

REFERÊNCIAS

- AMORA, Z. B. As transformações da indústria de Fortaleza face à política de industrialização do Nordeste. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1978. Dissertação de mestrado.
- _____. Indústria e espaço no Ceará. In: SILVA, José Borzachiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (organizadores). Ceará: um novo olhar geográfico. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.
- ARAGÃO, E. F. O Fiar e o Tecer: 130 anos da indústria têxtil no Ceará. Fortaleza: SINDITÊXTIL/Gráfica LCR, 2014.
- ARAÚJO. M. C. B. de. Histórias de Beco: quando a poeira assenta, entrevemos rostos, punhos e corações. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.
- COSTA, M. C. L.; AMORA, Z. B. “Fortaleza na rede urbana brasileira: de cidade à metrópole”. In: COSTA, M. C. L.; PEQUENO, R. Fortaleza: transformações na ordem urbana, 2015, pp. 31-76.
- DANTAS, E. W. C. O centro de Fortaleza na Contemporaneidade. In: DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (Orgs.). De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Editora Papirus. 2012a.
- LENCIONI, S. Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo. Tese. USP. São Paulo, 1991.
- LIMONAD, E. Contra o urbanismo inóspito. Desconstruindo o Porto Maravilha. Ar@cne, núm. 265, abril de 2022.
- LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do Meio: teoria e prática. Geografia, Londrina, v. 18, nº 2, 2009.
- MARTINES, R. dos S., et al. O uso das TICs como recurso pedagógico em sala de aula. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria. 2018.
- MONTEFUSCO, I. S. A Feira de Moda da José Avelino: uma Reafirmação do Espaço. Trabalho de Conclusão de Graduação (Arquitetura). Universidade de Fortaleza (Unifor), 2018.
- MOTA, M. D. de B.; BARBOSA, R. C. A. Comércio Popular de Moda - O Centro Faz A Moda, A Moda Faz O Centro Na Cidade de Fortaleza-CE, ENP2015.
- MUNIZ, A. M. V.; CABRAL, J. M. T.; SAMPAIO, P. M. Trajetórias urbano-industriais e a geografia escolar: pensando o ensino de geografia das indústrias no espaço metropolitano de Fortaleza, Ceará. In: CASTRO, P. A. de. (org.) de Avaliação: Processos e Políticas Campina Grande: Realize eventos, 2020. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/52941>.
- MUNIZ, A. M. V.; MUNIZ, A. M. V. A Extensão Universitária e a Geografia Escolar na Difusão das Trajetórias Urbano-Industriais no Espaço-Tempo. Pesquisar - Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia, v. 6, p. 4, 2019.
- NEVES, B. P.; MUNIZ, A. M. V. As Tecnologias da Informação e Comunicação (Tic) e a Geografia: Aplicações no Ensino da Geografia Humana. In: V CONEDU, 2018, Recife. Anais do V Conedu. Recife: Realize, 2018. v. 1.

- PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se. Em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. O ensino de Geografia no século XXI. Campinas, 2004. p. 249-268.
- PONTE, S. R. Fortaleza Belle Époque: Reformas urbanas e controle social. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha. 1999.
- QUEIROZ, E. A. N. de.; MUNIZ, A. M. V. Da Thomaz Pompeu Têxtil ao Novo Beco da Poeira: Papel no Circuito Inferior da Economia e na Requalificação do Centro de Fortaleza. Revista Tocantinense de Geografia, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 115–144, 2020.
- SANTOS, M. Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVA, J. B. da. Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf, 1992.
- _____. Em defesa do Centro, Jornal O Povo, 17.08.2003
- _____. O Centro de Fortaleza. Jornal O Povo. 07 de outubro de 2015.
- SILVA, E. S. Dinâmica socioespacial do comércio popular de confecção no centro de Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, 2013.
- VALENTE, J. A. (1998a). Diferentes usos do computador na educação. Em J. A. Valente (Org.), Computadores e conhecimento: repensando a educação (pp. 1-27, 2ª ed.). Campinas: UNICAMP.
- VIEIRA, C. E.; SÁ, M. G. de. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, E. Y.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (Org.) Prática de ensino de geografia e estagio supervisionado. São Paulo: Conceito, 2010. P. 101-105.